



Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET
Campus II - Alagoinhas
Colegiado em Licenciatura de Ciências Biológicas – ColBio

LUCIENE DE JESUS DOS SANTOS

**AUTOETNOGRAFIA NA REFLEXÃO DO PROCESSO FORMATIVO E DO FAZER
PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

ALAGOINHAS-BA

2024

LUCIENE DE JESUS DOS SANTOS

**AUTOETNOGRAFIA NA REFLEXÃO DO PROCESSO FORMATIVO E DO FAZER
PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus II*, como requisito final para obtenção do título de Graduada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Me. Genário dos Santos

ALAGOINHAS – BA

2024

**AUTOETNOGRAFIA NA REFLEXÃO DO PROCESSO FORMATIVO E DO FAZER
PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - *Campus II*, como requisito final para obtenção do título de Graduada em Ciências Biológicas.

Aprovado em 04 de Dezembro de 2024,
com a média 8,5 (oito e meio).

Banca Examinadora

Professor Me. Genário dos Santos (Orientador)
Universidade do Estado da Bahia- UNEB

Professora Dr.^a Alexa Araújo de Oliveira Paes Coelho
Universidade do Estado da Bahia- UNEB

Professora Dr.^a Gracineide Selma Santos de Almeida
Universidade do Estado da Bahia- UNEB

AGRADECIMENTOS

Manifesto minha gratidão ao meu Deus todo poderoso por me conceder, saúde, força, sabedoria garra coragem ao longo dessa jornada acadêmica. Grata pela iluminação de meus caminhos em momentos de dúvidas e dificuldade; pelo sustento de alimento da fé e por ter me guiado, com forças, até o alcance desse objetivo – conclusão de curso. Sem sua presença em minha vida está conquista não seria possível. A Ele seja toda honra e toda glória!

A realização deste trabalho seria impossível sem a contribuição de pessoas fundamentais ao longo desta jornada. Por isso, gostaria também de expressar minha sincera gratidão ao meu orientado Prof. Me. Genário dos Santos, pela paciência, dedicação e orientação técnica durante todo o processo de construção deste trabalho; sempre oferecendo *feedbacks* motivacionais e valiosos ensinamentos ao longo desta jornada. Sua orientação foi essencial para a realização deste trabalho e para meu desenvolvimento acadêmico e profissional. Agradeço também pelas sugestões, pelas críticas construtivas e pelo incentivo constante, que foram fundamentais para superar os desafios encontrados.

À minha família, por todo o suporte emocional e financeiro, por acreditarem em mim e me encorajarem nos momentos difíceis. Meu pai José de Jesus, Minha mãe Maria das Graças, meu irmão Florisvaldo de Jesus, minha irmã Renilza de Jesus e Geane Domingas.

Ao meu companheiro e amigo Carlos Costa ao qual convivo, pelo apoio psicológico nos momentos de fragilidade e por me proporcionar estabilidade e incentivo para que eu me fortalecesse na finalização desta caminhada.

Agradeço também às minhas amigas Viviane Silveira e Jaciele Gomes que, no início do meu ingresso no curso, me orientaram incansavelmente até minha adaptação no ambiente acadêmico. No ensejo, aos meus colegas de curso, Emile Lima, Caíque Abades, Tairone de Cristo, pela troca de experiências e idéias; pelas parcerias; pelo apoio mútuo e por inúmeras discussões de conteúdos que enriqueceram tanto minha formação acadêmica quanto pessoal.

É de extrema importância agradecer a instituição UNEB por me proporcionar uma base sólida de ensino e por promover um ambiente de aprendizado que foi essencial para desenvolvimento das competências necessárias para a formação, disponibilização de recursos e por demais contribuições recebidas - a todos que fazem deste lugar um ambiente de construção de sonhos – professores, técnicos e demais funcionários.

.Por fim, sou grato(a) a todos aqueles que, direta ou indiretamente, participaram desta conquista, especialmente. A todos, meu mais sincero agradecimento!

RESUMO

A autoetnografia é uma narrativa poderosa e relevante para explorar os processos formativos dos profissionais da educação pautado no exercício da ação-reflexão-ação a partir do histórico de vida do sujeito. O objetivo desta pesquisa de conclusão de curso foi descrever de modo autoetnográfico, minha trajetória formativa na área da docência a fim de analisar e compreender as vivências pedagógicas atuais, os desafios e as transformações ocorridas no fazer da educação básica. Para tanto, o percurso metodológico adotado a escrita e a análise autoetnográfica. Para aprofundamento teórico, fez-se uso de artigos indexados na base Scielo.Org. Como discussão, o texto está dividido em quatro capítulos: o primeiro, apresenta as considerações acerca da minha formação docente destacando os desafios e as experiências exitosas ao longo da caminhada; o segundo, discorre sobre os caminhos formativos na educação básica e traz vivências que tive durante o período formativo e as contratações temporárias de trabalho, fazendo *links* com as demandas e recortes teóricos e práticos apreendidos na universidade; o terceiro, apresenta os caminhos formativos no ensino superior destacando a importância da boa formação para o exercício da docência; e por fim, o quarto, narra os caminhos e vivências formativas em ambientes de trabalho na educação básica. Tendo como conclusão que a experiência universitária foi imprescindível para a construção da identidade profissional e pessoal, ampliando a minha visão de mundo, de ensino, de escola, de sociedade e de vida.

Palavras-Chave: Autoetnografia; Formação de Professor; Universidade; Vivências.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Inscrição no CPA	21
Figura 2: Vivências no PIBID	27
Figura 3: Vivências na Universidade	28
Figura 4: Vivências na Educação Básica	30

LISTA DE ABREVIATURAS

CPA	Comissão Própria de Avaliação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENADE	Exame Nacional de Desempenho do Estudante
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
REDA	Regime Especial de Direito Administrativo
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Fundamentação Teórica.....	12
3. Metodologia.....	14
4. Capítulo I: Considerações acerca da formação docente	16
5. Capítulo II: Autoetnografia: caminhos formativos na educação básica	18
6. Capítulo III: Autoetnografia: caminhos formativos no ensino superior	25
7. Capítulo IV: autoetnografia: caminhos e vivências formativas em ambientes de trabalhos na educação básica	29
8. Considerações Finais.....	32
6. Referências.....	33
7. Apêndices.....	34

1. INTRODUÇÃO

A autoetnografia se revela como uma ferramenta poderosa e relevante para explorar os processos formativos dos profissionais da educação pautado no exercício da ação-reflexão-ação a partir do histórico de vida do sujeito. Para Montero-Seiburth (2006), a utilidade da autoetnografia é de suma importância porque funciona como uma ferramenta que vai além da autorreflexão individual, nos levando a níveis de reflexões e análises em contextos mais amplos e coletivos, pois a história de um sujeito reflete suas dinâmicas de convivência nos grupos, com a cultura, com a política, religião e educação no sentido amplo da palavra. Ou seja, a autoetnografia também nos permite compreender os sujeitos nos contextos onde eles operam. “Para isso a autoetnografia serve para transformar as perspectivas da maioria e homogêneas que utilizamos e os direciona para a compreensão e incorporação de diversidade individual na interação que se cria dentro da escola e da sala de aula” (Montero-Seiburth, 2006, p.3).

A autoetnografia permite que o próprio professor¹, enquanto sujeito participante da prática educativa reflita sobre suas experiências, sentimentos, percepções e desafios enfrentados no processo de formação e da prática do ensino e aprendizagem. Sendo assim, a autoetnografia oferece insights valiosos sobre os aspectos pessoais, sociais e culturais envolvidos nos processos formativos e praxiológicos da educação. Através deste método, somos capazes de transformar perspectivas predominantes e homogêneas, direcionando-as para a compreensão e incorporação da diversidade individual na interação que ocorre dentro da escola e da sala de aula (Montero-Seiburth, 2006, p. 2).

Na perspectiva de Mello (2000), a natureza relacional da atividade de ensinar, destaca que para coexistir, comunicar e trabalhar com os outros, é necessário que o professor seja resiliente e capaz de lidar com conflitos e limitações. Essa perspectiva nos orienta a pensarmos que a autoetnografia perpassa pela análise da história de vida do sujeito e em sua capacidade de refletir e lidar com situações vivenciadas sejam elas positivas e negativas, com o objetivo de ressignificar a prática presente.

Ao reconhecer a importância das relações interpessoais no processo educativo, Mello (2000) destaca que o professor tem a responsabilidade de construção e de se envolver ativamente nos processos inerentes a criação de saberes a respeito de sua prática pedagógica, para, a partir de então, ter possibilidade de refletir sobre ela com o propósito de ressignificá-

¹ Ao citar “professor” também me refiro a “professora”.

la. Isso implica em ser receptivo às experiências sociais que ocorrem nos ambientes de aprendizagem, para que novas atitudes sejam praticadas visando melhor atender às necessidades e interesses dos estudantes em suas múltiplas diversidades.

A formação e a reflexão contínua sobre a prática docente é necessária e essencial para promover ambientes educacionais inclusivos e acolhedores, onde todos possam sentir-se acolhidos, respeitados e valorizados em suas subjetividades. Ao percorrer sua própria biografia, nos aspectos que se refere ao fazer pedagógico, o professor revisita seus atos educativos ao longo do tempo e com isso, cria oportunidades de aprimorar suas práticas pedagógicas. Portanto, Mello (2000) destaca que o ensino vai além da “transmissão” de conhecimentos e envolve aspectos emocionais, sociais e relacionais essenciais para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

A importância de utilizar a autoetnografia reside em sua capacidade de proporcionar uma compreensão mais profunda e contextualizada das práticas pedagógicas inclusivas. Uma ação pensada, rememorada, refletida que cria possibilidades de mudanças e ressignificação de atitudes, que cotidianamente, não dedicamos tempo à reflexão (Montero-Seiburth, 2006). É importante destacar que a autoetnografia coloca o próprio professor como protagonista da pesquisa, permitindo que ele explore suas próprias vivências, crenças, valores e desafios vivenciados e a vivenciar a partir de então.

Paulo Freire (1996), ressalta a importância do pensamento crítico e reflexivo no processo de ensino e aprendizagem. Ao afirmar que apenas quem pensa certo, mesmo que ocasionalmente cometa erros, é capaz de ensinar a pensar certo, destaca que o papel do professor vai muito além de simplesmente “transmitir” informações aos estudantes. Na concepção de Freire, o processo de ensino não deve ser entendido como um ato unidirecional, onde o professor é o detentor do conhecimento e os estudantes, são receptores passivos. Pelo contrário, ele defende que o ensino deve ser uma prática dialógica e participativa, na qual tanto o professor quanto os estudantes são ativos e interagem de forma colaborativa.

Desta forma, isso contribui para uma prática pedagógica mais centrada nos estudantes que respeita e acolhe a diversidade e promove o desenvolvimento integral de todos, independentemente de suas diferenças. Portanto, a utilização da autoetnografia na exploração do fazer pedagógico na Educação Básica é fundamental para ampliar o conhecimento sobre as práticas inclusivas, identificar desafios e oportunidades de melhoria e transformação.

Diante da reformulação das questões norteadoras da pesquisa destinada a apresentar, analisar a articulação da formação e a reflexão contínua sobre a prática docente, e a fim de

respondê-las, este trabalho tem como objetivo descrever de modo autoetnográfico, a trajetória formativa na área da docência da autora a fim de analisar e compreender as vivências pedagógicas atuais, os desafios e as transformações ocorridas no fazer da educação básica.

Acredito que através desta pesquisa seja possível ampliar as possibilidades de reflexão a cerca das práticas pedagógicas, sobretudo nos processos formativos, incluindo os estágios e demais atividades que visem aprimorar os saberes dos professores para seu atuar na educação básica.

Assim, com a premissa de garantir a socialização dos estudos, o texto está organizado em quatro capítulos. O primeiro, apresenta as considerações acerca da minha formação docente destacando os desafios e as experiências exitosas ao longo da caminhada; o segundo capítulo apresenta os caminhos formativos na educação básica e traz vivências que tive durante o período formativo e as contratações temporárias de trabalho, fazendo *links* com as demandas e recortes teóricos e práticos apreendidos na universidade; o terceiro capítulo apresenta os caminhos formativos no ensino superior destacando a importância da boa formação para o exercício da docência; e por fim, no quarto capítulo discorro sobre os caminhos e vivências formativas em ambientes de trabalho na educação básica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Uma autoetnografia é a história por meio de uma construção narrativa que seleciona fatos da memória individual e coletiva para trazer à tona discussões sobre uma determinada temática e/ou uma história geral. Essa narrativa se constrói no individual com reflexo das influências do comportamento coletivo, pois o pensamento coletivo pode ser considerado como a “[...] lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior” (Halbwachs, 2006, p.61).

Em sua teoria a cerca da “memória coletiva”, Halbwachs destaca como a memória individual é moldada e influenciada pelo contexto social e pelas interações com os outros, os fatos da memória individual estão intrinsecamente entrelaçados com os da memória coletiva. Para o autor, essa forte relação da dinâmica entre a memória individual e a memória coletiva imbrica em uma interdependência, ou seja, não há como separar uma memória individual de uma memória coletiva. Essa interdependência permite pensar que a memória individual não é estática. Significa dizer que ela é dinâmica, atemporal, viva e coexiste com outras memórias (*ibidem*).

Essa compreensão me faz perceber que indivíduos muitas vezes recorrem à memória coletiva para confirmar ou precisar suas próprias lembranças, preencher lacunas ou mesmo se identificar temporariamente com ela. No entanto, apesar desse intercâmbio entre memória individual e coletiva, Halbwachs enfatiza que a memória individual mantém sua autonomia e segue seu próprio curso. A influência da memória coletiva é gradualmente assimilada e incorporada à memória individual, enriquecendo-a e moldando-a, mas sem substituí-la completamente. Essa perspectiva ressalta a natureza complexa e interdependente da memória humana, na qual as experiências individuais são constantemente entrelaçadas com as experiências compartilhadas dentro dos grupos sociais (*ibidem*).

Em contexto de autoetnografia, pode acrescentar à reflexão a relação entre a experiência pessoal e os contextos sociais. Halbwachs enfatiza ainda que nossa identidade e nossa autoconcepção são influenciadas pelos grupos sociais aos quais pertencemos, e é dentro desses grupos que desenvolvemos nossa compreensão de nós mesmos e dos outros.

Diante disto, é de extrema importância a escrita destas narrativas, pois é o meio pelo qual os acontecimentos são preservados ao longo do tempo. Essa fixação escrita permite que as histórias sejam transmitidas e preservadas para as gerações futuras, enquanto as palavras faladas e os pensamentos tendem a desaparecer com o tempo. Essa abordagem ressalta a

importância da documentação e da escrita na preservação da memória coletiva e na construção da história.

Na prática da autoetnografia, que envolve a reflexão sobre a própria experiência em relação a contextos culturais e sociais mais amplos, é essencial reconhecer e examinar as influências sociais que moldam nossa narrativa pessoal. Isso inclui considerar como as normas, valores, crenças e práticas compartilhadas pelos grupos sociais em que estamos inseridos impactam nossa percepção de nós mesmos e dos outros. Essa compreensão é fundamental para uma autoetnografia reflexiva e contextualmente informada.

Por sua vez, nas ciências educacionais, a autoetnografia configura-se como um método de extrema importância, pois a atividade docente vem se modificando em decorrência de transformações nas concepções de escola e nas formas de construção do saber, resultando na necessidade de se repensar a intervenção pedagógico-didática na prática escolar (Libâneo e Pimenta, 1999). Sendo assim, o ponto de partida se dá à formação de qualidade aos docentes, que parte do educador profissional, ministrando condições onde o educando seja capaz de construir grupos de pesquisa aonde venha a atuar na realidade da sociedade do ensino fundamental.

Não se ignora que esse desafio precisa ser prioritariamente enfrentado no campo das políticas públicas. Todavia não é menos certo que os professores são profissionais essenciais na construção dessa nova escola (Libâneo e Pimenta, 1999). A condição para essa nova contratação, vem através de formações continuadas e a qualificação de professores renovando a cada tempo o ensino pedagógico e suas metodologias onde possam se expandir pelas diversidades das disciplinas que se aplica. A construção de uma boa profissional parte daquele que o qualifica, sendo assim, haverá grandes produções se ações aplicadas partirem do início.

3. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e autobiográfica. A abordagem qualitativa caracteriza-se pelo emprego de qualificação na coleta e tratamento de informações. O estudo retrospectivo consistiu na obtenção de dados compreendidos no espaço de tempo para análise e discussão dos dados (Minayo, 2006).

Segundo Lakatos e Marconi (2021), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, pois busca aprofundamento do tema partindo da análise subjetiva do todo para o particular, apresentando uma amostra pequena da realidade do problema, obtida no campo, tendo como pressuposto a produção de novas informações. Segundo Minayo (2001, p. 14):

[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, destaco que é um método que busca responder a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (Elias *et. al.*, 2012).

A pesquisa também é exploratória, pois, tem como objetivo familiarizar mais as pessoas com o problema, a fim de torná-lo mais claro ou fazer hipóteses (Lakatos e Marconi, 2021). E por sua vez, é uma pesquisa autoautobiográfica, pois potencializa as experiências de vida dos sujeitos como modo de refletir coletivamente, sobre as práticas sociais e enfatiza as vozes individuais e as experiências dentro de um contexto cultural mais amplo. A abordagem etnoautobiográfica, permite aos participantes compartilhar suas histórias de vida e identidades culturais (Ellis *et al.*, 2010).

A realização desta pesquisa ocorreu em duas etapas:

Na primeira etapa, realizou-se o aprofundamento teórico da temática, com base em artigos indexados na base de dados SciELO.Org (Scientific Electronic Library Online), no portal periódico da Capes, além de consulta em livros de Halbwachs (2006) e Libâneo e Pimenta (1999). Para a busca, foram utilizados os seguintes descritores: ‘autoetnografia’; ‘autoetnografia *and* prática pedagógica’; ‘autoetnografia *and* educação básica’. Os filtros utilizados foram o temporal (2019 a 2024) e o de idioma (português). Foram incluídos os artigos que eram pertinentes a temáticas e que relacionavam autoetnografia às práticas

pedagógicas da educação básica. Por sua vez, foram excluídos os artigos que não se adequava ao critério de inclusão, e também por apresentar duplicidade.

Na segunda etapa, ocorreu a escrita da autoetnografia destacando experiências e vivências nos processos formativos, a saber: (a) vivências da formação da autora como professora no ensino das ciências biológicas e em ambientes de trabalhos na educação básica.

CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DOCENTE

As pesquisas sobre a formação de professores e professoras no Brasil teve maior sistematização na década de 70, ou seja, só a partir do século XX que esse tema tem sido foco das pesquisas e das discussões, uma vez que, existe a necessidade de aprimoramento dos profissionais da educação sobre suas funções e fazer pedagógico (Saul e Saul, 2016).

Segundo Freire (1996), a formação dos professores deve atender às necessidades dos sujeitos e contemplar suas realidades e contextos. Freire dedicou-se a estudos sobre a formação docente a partir de “[...] inspirações de sua prática, de diálogos que manteve com educadores em redor do mundo e de suas convicções sobre a relevância da formação no ato de educar” (*Ibidem*, p. 24).

O ser professora se dá em uma trajetória de graduação e continuada após a graduação com o objetivo de aprimorar, continuamente, a atuação e buscando novos conhecimentos para ampliar as possibilidades nos processos de ensinar.

Para Aquino (2000, p.101),

No futuro, o país vai precisar de bons professores, que substituam os hoje existentes. Essa necessidade deverá expressar-se num fluxo que a médio prazo vai repor integralmente o plantel docente hoje existentes. Toda e qualquer melhoria na formação desse fluxo de mais de 1,5 milhões de professores vai representar um ensino melhor para dezenas de milhões de alunos durante os 25 que durarem a carreira de cada geração de professores.

Há uma geração de professoras(es) que estão chegando ao final de suas trajetória de trabalho e alcançando a aposentadoria. As novas gerações e as que ainda estão em processos formativos precisam lidar com as novas dinâmicas que permeiam o ensino público no Brasil. Um bom exemplo é o caso das novas tecnologias que estão dominando a sala de aula e a vida das sujeitas e sujeitos. Logo, professoras terão que se atualizar, de modo contínuo, pois os estudantes estão cada vez mais envolvidos com essas novas tecnologias e ferramentas. Isso nos leva a pensar que o conservador modelo de ensino não se aplica mais nos dias atuais e não consegue promover bons êxitos de aprendizagens.

Nesta perspectiva, nos processos de formação docente, será necessária a busca por novos métodos e ensino. Inovar, criar, pesquisar e outros se fazem necessário para uma nova didática no modo de ministrar as aulas e de orientar os estudantes na construção das aprendizagens. É preciso modificar a metodologia como as formações docentes tem sido operantes. As instituições provedoras destas formações precisam ressignificar e reconfigurar

seus projetos de ensino. O novo Exame Nacional de Desempenho do Estudante (ENADE) mostra essa realidade quando inova em seu método de avaliação incluindo uma “avaliação da prática” dos futuros profissionais da educação. Vejamos o que diz Aquino (2020, p.101) a respeito.

O problema é ainda maior quando se considera que os sistemas públicos de educação básica, estaduais e municipais, gastam volumes consideráveis de recursos em capacitação de professores, dinheiro anualmente pago às mesmas instituições de ensino superior, privadas e públicas para refazerem um trabalho que não foi bem-feito durante a formação inicial dos professores.

Pensando em meu processo formativo, a universidade me proporcionou vivenciar mais pesquisas científicas, na maioria dos componentes curriculares, do que as vivências pedagógicas e experiências na educação, para além dos estágios obrigatórios. Nas práticas pedagógicas, eram abordados as teorias e seus autores ao longo dos anos; estudos de textos e discussões sobre os grandes pensadores da educação, como Jean Piaget, Lev Vygotsky, Paulo Freire e outros. Já que estamos trazendo Freire para nosso diálogo, o mesmo afirmou que “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (Freire, 1997, p. 79).

Em outras palavras, a formação do professor é uma trajetória guiada e continuada. Uma construção que transforma o entendimento do estudante em futuro professor. Neste processo, passamos a enxergar o sujeito para além dos muros da escola, suas realidades, desejos, sonhos, e demais contexto da vivência no espaço escolar (Aquino, 2000).

Em minha caminhada formativa, foi difícil chegar a essas conclusões, pois muitas foram as situações que me fizeram desanimar, mas lá no fundo, acreditava em meu potencial e caminhada para frente em busca desta tão sonhada formação. Meu objetivo é poder construir novas histórias, novos caminhos, e a formação docente pode me proporcionar a realização desse desejo. Estou ciente de que cada um percorre seu caminho na construção de sua formação. Buscamos, planejamos, criamos, construímos conhecimentos de modos diferentes. Êxitos se conquistam no caminho ou no final dele. Assim, se tornar professora não é uma tarefa fácil. É uma condição que implica ir além de assumir deveres, mas sim de transformar-se na busca pela transformação do outro, pois, como diz Freire, a educação muda as pessoas e elas, por sua vez, são capazes de mudam o mundo em sua volta (Freire, 1979).

CAPÍTULO II – AUTOETNOGRAFIA: CAMINHOS FORMATIVOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Meu nome é Luciene de Jesus dos Santos, nasci em Pojuca, no Estado da Bahia e cresci na comunidade de Cajerana na Zona Rural da cidade de Catu. Meus pais José de Jesus dos Santos e Maria das Graças de Jesus e meus irmãos Renilza de Jesus dos Santos, Geane Domingas de Jesus e Florisvaldo de Jesus dos Santos cresceram comigo nesse lugar onde tivemos vivências que foram decisivas para a construção da pessoa que me tornei hoje.

Naquela época, não existia escola próximo a comunidade, por conta disso, até os sete anos de idade não tive a oportunidade de ir à escola. Meus pais não compreendiam a gravidade da situação por ter sido pessoas que também tiveram suas vidas marcadas pela vida rural e de difícil acesso a educação. Após diálogos com algumas pessoas, meus pais resolveram buscar uma escola para mim e meus irmãos e foi então que minha avó tomou a decisão de ir até o prefeito da cidade em busca de solucionar o problema. O fato é que nós precisávamos de uma escola; mas havia inúmeros entraves: morarmos distante da cidade, não existia meio de transporte público da zona rural à cidade; e as condições financeiras não eram adequadas. Somando a isso, outras crianças das redondezas viviam em mesma situação.

Diante da situação e após diálogo com o prefeito da cidade, minha avó resolveu doar um pedaço de suas terras para que fosse construída uma unidade escolar, o que também iria gerar emprego para algumas pessoas. A partir de então, foi construída a Escola Municipal Fazenda Cajerana. Com uma unidade escolar em nossa comunidade foi possível ter acesso à educação.

Eu, meus irmãos e demais crianças e adolescentes da região começamos a frequentar essa escola no ano de 1988 na época eu estava com 8 anos de idade quando iniciei os estudos nesta unidade escolar onde fomos alfabetizados pela professora Rosália de Jesus da Luz, que não tinha formação de nível superior, mas que se dedicou para que tivéssemos acesso ao conhecimento e à escolarização.

Quando estávamos na 2ª (segunda) série (como era chamado na época), houve a necessidade de outra professora com mais experiência para que pudéssemos continuar estudando. Então, fomos conduzidos, a partir de então, pela professora Jaci Leal Pereira, pela qual pude fazer a 3ª série do fundamental, onde já me encontrava com dez anos de idade. Novas demandas e necessidades foram surgindo ao longo do caminho. Uma delas é que precisávamos avançar nos estudos e a escola que ali funcionava, só ofertava a escolarização

até 3º série. Para solucionar o problema, mais uma vez minha avó, juntamente com a professora, recorreram a secretária de educação da cidade.

Entretanto, e para nossa tristeza, a prefeitura não atendeu ao pedido e, por isso, continuamos a estudar na mesma unidade escolar repetindo os ciclos de escolarização. Um detalhe importante, na escola só havia uma única sala de aula e todos os estudantes eram alfabetizados no mesmo espaço – sala multisseriada.

As dificuldades só aumentaram e a continuidade na escola ficou comprometida e tive que ficar por um período de um ano sem frequentar a escola. Os moradores da comunidade cobravam de meus pais para que eu voltasse à escola. Diante dos fatos, meu pai resolveu comprar uma casa em um Bairro chamado Pau-Lavrado que ficavam alguns quilômetros da Zona Rural em que morávamos, mas, próximo á cidade de Catu.

Em uma nova escola Estadual, chamada Dr. Antônio Carlos Magalhães, dei continuidade a meus estudos cursando a 4ª série já me encontrava com 10 anos de idade. Desde então, passei para o 5º ano do Ensino Fundamental que me proporcionaria a experiência de conviver com mais de um professor. Não consegui lidar com essas mudanças e, por deficiências do processo de alfabetização, não consegui acompanhar as atividades escolares. Neste cenário, repetir a mesma série por três anos. Indignado com a situação, meu pai ameaçou a me tirar da escola, foi a partir daí que, então, comecei a me dedicar mais aos estudos.

Nos anos seguintes, conseguir avançar para o 6º ano e para minha tristeza e de meus pais, mais uma vez, repeti o ano, chateada, resolvi trocar de escola e passei a estudar no Colégio Pedro Ribeiro no centro da cidade de Catu, mas a vida já me aguardava novas surpresas, tive que abandonar os estudos devido à necessidade de trabalhar, pois meu pai já vivia bastante chateado por estar sempre repetindo o ano sem êxito então disse que do bolso dele eu não iria achar mais nada enquanto não me dedicasse aos estudos e que eu já estava velha e não queria nada com a “voz do Brasil”, (termo popular usado pelos idosos da época).

O sonho do meu pai era que eu fosse Freira, e meu irmão servisse o exército, mas ao tentar me colocar em uma dessas escolas não me aceitavam mais, pois a minha idade já estava avançada demais, se ao menos eu tivesse concluído o fundamental eu conseguiria ficar, mas infelizmente eu ainda me encontrava no 6º ano, isso causou revolta no meu pai, pois nem eu nem meu irmão na época podemos dar a ele essa alegria, por conta da idade e da série que nós encontrávamos.

Ao sair do colégio, fui trabalhar como babá e assim, passei um ano fora da escola. Devido às necessidades, decidi retornar aos estudos, então decidir estudar a noite na EJA. Então retornei para a escola Antônio Carlos Magalhães no ano de 1999 a 2000 cursei ACII EST I (5° e 6°) e (7° e 8°), mas desta vez fui para escola Isabel de Melo Góes. Pouco tempo depois, a necessidade me obrigou a mais uma vez abandonar as aulas para trabalhar e conseguir o sustento diário e de novo fiquei afastada da escola – por dois anos.

Diante desta minha realidade, resolvi voltar a estudar no turno diurno e cursar o Ensino Médio para que assim, eu pudesse obter uma melhor aprendizagem. Em 2001, me matriculei no 1° Ano do Ensino Médio na mesma unidade escolar. No final do ano perdi de novo o ano letivo. Repetir novamente em 2002 e perdi (a história continua se repetindo). Então resolvi trocar de escola. Fui para o colégio Pedro Ribeiro Pessoa localizado no centro da cidade de Catu. Como cheguei ao meado do ano, abandonei os estudos e fui trabalhar.

Trabalhando, e como uma boa filha a casa torna, em 2004, voltei para o Antônio Carlos Magalhães, para cursar o 1° ano pela 4° vez, e dessa vez desencantei, e veio o tão sonhado 2° ano. Mas as coisas começaram a não dar certo e de novo resolvi trocar de escola. Fui para o colégio Isabel de Melo Góes cursar o 2° ano e lá também não consegui aprovação do ano letivo e fiquei na “dependência” de dois componentes curriculares: Literatura e Matemática. A situação complica mais um pouco, pois o novo colégio não trabalhava com o modelo de “dependência”, e por isso, pensando em adiantar meus estudos, resolvi voltar para o ACM, para cursar, no turno matutino, o 3° ano e, no turno vespertino, a “dependência” do 2° ano.

A minha vergonha de tanto perder de ano já andava “estampada” em meu rosto. As pessoas perguntavam e questionavam a minha idade e não me permitiam mais estar com os outros estudantes mais novos. Aliado a isso, tinha a falta de dinheiro, pois, pelo fato de ter que estudar o dia todo, não conseguia trabalhar. Diante da vergonha, de falta de recursos financeiros e de tantas outras dificuldades resolvi abandonar os estudos e ir trabalhar. Isso mesmo, abandonar os estudos como se fosse um “disco arranhado” que se repete o mesmo refrão da música.

Passando-se dois anos, e cada vez mais se torna difícil conseguir um bom emprego por não ter o Ensino Médio completo, decidi, em 2010 me inscrever no Comissão Própria de Avaliação (CPA) (Figura 1), por indicação de uma colega que já utilizava esse método de ensino. Fiz a matrícula para o Exame Supletivo do Ensino Médio na cidade de Alagoinhas. Por lá, passei dois anos: 2010 e 2011. Como não conseguir ser aprovada em nenhum

componente curricular, abandonei o Exame Supletivo em 2011 desistindo de concluir o Ensino Médio.

Figura 1: Inscrição no CPA no ano de 2010

JUSTIFICATIVA DE AUSÊNCIA
 HIA
 inscrição 7543 justificou
 ausência data 30/03/2010 na
 disciplina História do
 Ensino Médio

COMISSÃO PERMANENTE DE AVALIAÇÃO - CPA
 EXAMES SUPLETIVOS
 ENSINO MÉDIO

CARTÃO DE INSCRIÇÃO
 Nº de Inscrição 7543
 Nome do Candidato (em letra de forma e por extenso) LUCIENE DE JESUS DOS SANTOS
 Documento que apresentará para fazer as provas
 Documento Legal de Identidade nº 114970359-35
 Assinatura do Candidato
 Assinatura do responsável pelo inscrição

OBSERVAÇÕES PARA OS EXAMES SUPLETIVOS

- Estar no local do exame 30 minutos antes do início das provas, munido do Documento de Identidade e do Cartão de Inscrição, sem o que não será permitido fazer o exame. Em caso de perda desses documentos, comunicar à Coordenação dos Exames;
- Não esquecer de assinar a folha de presença, comprovando seu comparecimento;
- Cada prova tem duração de 2(duas) horas;
- Não há revisão de provas.

Fonte: Arquivo Pessoal

Nas situações de busca de emprego pela vida, sempre me perguntavam: Você é formada? Estudou até que série? E a minha resposta era sempre a mesma: “só tenho o Ensino Fundamental completo”. A resposta retorno também sempre era a mesma: “Ah! Não podemos contratá-la. Aqui é necessário que tenha o Ensino Médio completo”. Ao ouvir essas palavras eu voltava para casa com uma grande tristeza e questionamento: o que me restava então? E a resposta era: voltar a trabalhar como diarista, doméstica, manicure e outros serviços gerais que não me exigiam o Ensino Médio.

Passando por dois anos longe da escola, meu pai e minhas amigas mais próximas me aconselharam a criar coragem e retomar mais uma vez. Assim eu fiz! Resolvi me matricular na Educação de Jovens e Adultos (EJA). No começo foi muito difícil, pois eu sentia vergonha pelo fato de ter ficado tanto tempo afastada, mas após passar uns dois meses comecei a me familiarizar com a turma e com os professores e tudo foi ficando mais leve para poder estar mais confiante e poder dar continuidade ao processo de escolarização básica.

Em 2012, fiz o 1º e 2º Ano, com os componentes curriculares: literatura, História, Geografia e Religião. Estudando na EJA, comecei a trabalhar dando banca em minha casa,

mas as coisas não fluíram como eu desejava e voltei a trabalhar como manicure. Ano seguinte, 2013, cursei os demais componentes curriculares: Matemática, Química, Física e Biologia. Nos estudos e nas experiências nessas áreas do conhecimento, sobretudo, a da Biologia, foi que se nasceu o desejo de continuar minha trajetória estudantil no universo dos estudos das espécies de seres vivos e suas diversidades. Esse desejo nasce em virtude das boas aulas do professor Gilberto que era formado em Matemática, mas quem ministrava as aulas de Biologia. O modo como Gilberto ministrava as aulas chamava a minha atenção e meu desejo de ser professora aumentava a cada aula.

O professor Gilberto me fez perceber o que era ser um professor. Sua didática, sua motivação, seu interesse pelo aprendizado dos estudantes e suas diferentes metodologias me encantavam. A partir de então, comecei a ter uma grande dedicação pelos estudos, pois era visível que o mundo da educação era o lugar onde gostaria de estar em futuro próximo. Confesso que também pensava: professor tira duas férias ao ano; não trabalha aos sábados; folga todos os feriados e tem direito a pontos facultativos... Parece brincadeira, mas é verdade... Mas foi o que tinha em mente no momento e o que me motivou a não desistir (não sabia que na prática era mais trabalho do que eu pensava... Vontade de rir). Desde então, dediquei-me ao estudo do componente de Biologia e isso me resultou em obter notas melhores. Já na Matemática, era um caos... Era o componente que eu sempre reprovava...

Nesta fase da vida, surgiu o desejo de fazer um curso superior, mas alguns colegas me desanimavam muito ao dizer que seria muito difícil conseguir ser aprovada em um vestibular. No entanto, duas de minhas colegas, que já faziam faculdade, me aconselharam a tentar a busca, pois, é tentando que conseguirmos alcançar nossos objetivos.

Lembro-me que em uma das aulas do professor Gilberto, surgiu o tema “faculdade” e o professor perguntou o que pretendíamos fazer após terminar o Ensino Médio. Uma colega de classe “gritou”: “Luciene disse que quer ser professora de Ciências e Biologia igual ao senhor professor”. Em seguida, o professor perguntou para ela: “E você que quer ser?” E a resposta foi: “Advogada, mas nem eu e nem Luciene vamos ser nada porque não vamos conseguir passar num vestibular e nem pagar uma faculdade”. Após a sua fala, soltou uma gargalhada muito irônica.

Neste momento, o professor observou no meu semblante a minha tristeza. Ele virou-se para mim e disse mais ou menos assim: “Se é o seu desejo cursar uma faculdade, lute pelo seu sonho. Pode ser que você não passe no primeiro vestibular, mas não se desanime, tente no próximo, pegue o macete de como é a prova... O importante é não se desanimar.” Diante dos

incentivos do professor e com aquelas palavras gravadas em meu coração e mente, segui em frente com o meu desejo e objetivo.

Quero destacar aqui a importância do professor como agente transformador de vida. Sujeito que motiva, incentiva e nos mostra como é possível mudarmos de vida através da educação. Para o diálogo, trago Paulo Freire, em sua pedagogia da autonomia, quando afirmou que o exercício do educador é uma prática permanentemente humana, pois se caracteriza através de “[...] convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando” (Freire, 1996, p. 10).

Senti-me encorajada no último ano da EJA, pois foi um “divisor de águas” para mim. Foi uma fase inesquecível. Fiz amizades que hoje carrego na minha vida. E para quem dizia que eu não conseguiria, em 2013, concluí o Ensino Médio e com direito a festa de formatura.

Ao concluir o Ensino Médio, imediatamente eu me inscrevi em um pré-vestibular, seguindo as orientações de meus professores. Nesta época surgiu uma oportunidade para trabalhar em uma padaria, uma experiência nada boa. Acordava todos os dias às 4 horas da manhã para as 6h/40min já estar em prontidão no trabalho. Quando finalizava meu serviço como atendente, tinha que ir para o andar superior do estabelecimento para moldar a massa do pão, arrumá-la nas bandejas e levá-la ao forno para assar. Essa vivência se tornou tão cansativa ao ponto de que quase sempre dormia no ônibus e sempre passava do ponto onde eu deveria descer na ida para casa.

Da padaria, fui trabalhar em um Minimercado. No desejo de seguir a profissão docente, eu continuava cursando o pré-vestibular, mesmo com muita dificuldade. Praticamente assistia às aulas piscando os olhos entre um cochilo e outro, pois o cansaço era notório no meu rosto. Conseguir manter-me ativa e com atenção à aula era bastante complicado. O trabalho roubava toda a minha energia.

Neste ano, 2013, abriu anúncio para as inscrições no vestibular da UNEB, no qual me inscrevi. Por várias vezes passei pelo constrangimento de ouvir algumas pessoas dizer que eu estava jogando dinheiro fora, pois para passar no vestibular da UNEB teria que ser o “tal”... Mas segui em frente... Fiz o vestibular, mas não sabia onde verificar a lista dos aprovados. Sem saber se tinha sido aprovada ou não, resolvi fazer a faculdade de Administração em uma Faculdade particular através do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). Indo para a

agência bancária assinar os papéis, chegou uma mensagem em meu celular informando que eu tinha sido aprovada no vestibular da UNEB.

Desesperada, sai correndo para a casa da minha vizinha que tinha computador e pedi para ela verificar a veracidade da informação. Ao confirmar veio uma sensação de alegria. Neste momento passou um filme de minha vida em minha mente, com tantas dificuldades, mas agora com uma aprovação em uma universidade pública. Sem ter dormido direito, acordei e fui realizar a minha tão sonhada matrícula no curso de Biologia. Senti que Deus estava colocando em minhas mãos a tão sonhada mudança de vida e a profissão dos meus sonhos que era ser professora e ter duas férias no ano (risos). Minha vida acadêmica no Ensino Superior começou...

CAPÍTULO III – AUTOETNOGRAFIA: CAMINHOS FORMATIVOS NO ENSINO SUPERIOR

Minha vida acadêmica no Ensino Superior sempre foi muito corrida e cheia de dificuldades. Sempre tive que trabalhar e estudar ao mesmo tempo, uma situação que sempre se tornou desfavorável a mim. Essa realidade não possibilitou para que eu vivesse a graduação de forma integral, pois tinha que me dedicar às responsabilidades trabalhistas. Estudando pela manhã e trabalhando pela tarde, sobrava à noite para estudar e planejar as atividades do trabalho.

No início do curso, me senti perdida em uma multidão de pessoas e me sentia só como no dito popular “um peixe fora da água”, pois naquele mundo eu não conhecia ninguém e não entendia nada da dinâmica do que estava acontecendo na universidade. Novos componentes curriculares, novas dinâmicas, novas necessidades, novos conhecimentos... Tudo me deixava perdida. Não sabia como lidar com a situação e tão pouco dar conta dos planos de cursos e suas múltiplas tarefas. Pensava o tempo todo que a universidade não era para mim, mas eu já tinha em mente o diploma e queria, a qualquer custo, ser professora de Ciências e Biologia.

No primeiro semestre tive oito componentes curriculares. Uma loucura para mim! E sem nenhum amigo para me ajudar ou dar respostas para as minhas dúvidas. Como era muito tímida, não consegui, a princípio fazer amizades. Logo, fiquei só, com dúvida e reprovada em cinco componentes (só lamento). Não posso deixar de registrar meu primeiro “mico” na universidade que ocorreu no componente “Seminário Temático” que desisti de apresentar um trabalho abandonando o meu grupo.

No momento, o professor me disse que ali não era o Ensino Médio e que, portanto, eu poupasse meu choro, porque ali não seria lugar para chorar. Essas palavras me marcaram muito a ponto de carregá-las até os dias de hoje, pois é difícil ser exposta a risos irônicos dos colegas de turma. Percebo hoje que esse professor caminha em direção diferente do professor Gilberto, lá do EJA. Compreendo minhas dificuldades e sei que são muitas, mas não sou a única culpada disso, a escola também tem suas falhas. Por isso, nós, professores precisamos refletir sobre nossa prática e como diz Paulo Freire “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo” (Freire, 1996, p. 22).

Ainda no primeiro semestre, alguns dos meus colegas de classe desistiram do curso por vários motivos, mas eu me mantive com esperanças de que iria dar certo e não desisti. Os

dois primeiros semestres foram os mais difíceis para mim. Problemas de adaptação, dificuldades com os componentes curriculares, na relação com os professores, compreensão nas aulas expositivas e laboratoriais, com as novas ferramentas de avaliação, além de dificuldades de concentração, cansaço do trabalho, sono em horário da aula e outros.

E assim seguiram os problemas que insistiam em me afetar e me desestabilizar. Falar em público era desesperador para mim, mas sabia que não poderia escapar dos momentos de apresentação dos trabalhos e dos tais seminários. Os retornos para casa eram alegres, mas as idas a universidade era um tormento... Chorava muito e pedia forças a Deus para continuar. Até decorei o Salmo 23 e o 91 todinho e fiz um voto com Deus.

Nesta fase li uma frase de Freire que dizia “Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha à luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia.” (Freire, 2004, p.47). Essas palavras me deram forças a continuar no terceiro semestre com todas as dificuldades já ditas, além do desafio da utilização do computador, mesmo já tendo um curso de informática, as dificuldades de manejo desta tecnologia eram grandes para mim.

A solução estava na escrita convencional e assim aconteceu: escrevia todos os meus textos e pagava a pessoas para digitar e formatar para que eu pudesse cumprir com as entregas das atividades acadêmicas que eram solicitadas. Penso hoje no quanto essas dificuldades, somada a tantas outras de outros aspectos da minha vida, me causaram tantos sofrimentos.

A universidade era para ser um ambiente de alegria, estudos e caminhar para a realização de um sonho, o de ser professora, mas as minhas vivências foram diferentes. Então me pergunto: Como a universidade pode tornar o itinerário formativo dos sujeitos mais leves, mais humanos e menos dificultosos? Não sei a resposta, mas sei que é uma realidade que precisa ser pensada e debatida, pois assim como eu, muitos outros estudantes universitários podem estar tendo as mesmas vivências e a universidade não pode ficar a parte disso. Esse debate traz a tona os muitos estudantes com deficiências presentes nas salas de aulas das universidades, muitos desassistidos e ignorados. Para Miranda e Filho (2012, p. 12) para que haja essa inclusão de todos os sujeitos, requer das instituições de ensino “transformações paradigmáticas e culturais”.

Pensar nos processos formativos dos professores tem que ser uma realidade e uma preocupação. Hoje percebo, o quanto essa temática merece atenção. Eu sou prova viva disso. Sou grata a UNEB por tantas oportunidades a mim ofertadas, mas sinto que faltou algo... Falando em falta, acredito que faltaram mais aulas que me orientasse a lidar com a realidade da sala de aula na educação básica, como por exemplo, como lidar com crianças e

adolescentes ditos “indisciplinados”? Como abordar temáticas das ciências diante de tantas complexidades de nomenclaturas e termos científicos? E outros. Talvez a dificuldade de aprendizado sobre esses aspectos tenha sido minha, mas continuo acreditando que faltou ênfase nestes aspectos.

Outro aspecto que merece destaque é que não pude vivenciar a universidade em suas dinâmicas formativas devido a minha dedicação ao trabalho paralelo. Viagens para participar de congressos, feiras, encontros quase sempre não foram possíveis, pois não podia me ausentar do trabalho. Também não consegui realizar monitorias ou estagiar nos laboratórios, pois exigia tempo de dedicação, o que era indisponível para mim.

Tive a oportunidade de vivenciar o Programa institucional de Bolsas de Iniciação a docência (PIBID), experiência que me garantiu bons aprendizados e mais segurança com relação à prática pedagógica do profissional professor. O PIBID me deu oportunidade para conhecer e familiarizar com as vivências nos ambientes escolares (Figura 2) durante a minha formação. Também tive a oportunidade de desenvolver intervenções pedagógicas com os estudantes e construir projetos que promoveu a construção de uma horta na escola. Neste momento me sentia protagonista, me sentia professora...

Figura 2: Vivências no PIBID



Fonte: Arquivo Pessoal

Trago essa vivência para destacar a importância da prática na formação do professor. A formação para a docência tem sido muito discutida nos últimos anos (Nóvoa, 2009), pois é na prática que se conhece a realidade dessa profissão tão complexa e ao mesmo tempo tão motivadora (Pimenta, 1999).

[...] a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra. A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional (Tardif, 2014, p. 53).

É muito relevante pensar no modo em que estamos sendo formados e como as universidades lidam com os processos formativos dos estudantes. Minha história traz marcas que quero deixar para trás. Quero ser uma professora que se preocupará com a vida dos estudantes... Quero auxiliá-los em suas dificuldades, pois quero que eles tenham outras oportunidades e outras vivências com as quais possam viver os estudos com alegria para a construção de sua autonomia.

Não poderia deixar de destacar, aqui no final deste capítulo, também, as muitas vivências de construção de aprendizagens e de momentos alegres (Figura 3) em minha trajetória na universidade.

Figura 3: Vivências na universidade



Fonte: Arquivo Pessoal

CAPÍTULO IV - AUTOETNOGRAFIA: CAMINHOS E VIVÊNCIAS FORMATIVAS EM AMBIENTES DE TRABALHOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

As minhas experiências na Educação Básica, desta vez como professora, foram bastante significativas, pois comecei a ver o fruto de tanto sacrifício se tornando realidade. Para ingressar no trabalho na educação, me inscrevi em um processo seletivo de Regime Especial de Direito Administrativo (REDA) no ano de 2017. Fui aprovada e comecei a atuar como auxiliar de ensino em uma escola do Ensino Fundamental II.

A partir de então, tive que conviver com duas realidades: a universidade e o trabalho docente. Ambos exigiam muito de mim: tempo, responsabilidades, dedicação, etc. Mas eu não poderia desistir de nenhum dos dois. A universidade me daria o diploma para exercer a profissão e o REDA me daria condições financeiras para sobrevivência e também a experiência da prática docente. Via que valia a pena o sacrifício e que não poderia parar. Sem conseguir conciliar ambos, tive que, praticamente, abandonar um semestre do curso, por incompatibilidade de horários entre aulas e trabalho.

O REDA me proporcionou experiências ímpares no que diz respeito ao ser professor. Aprendi na prática que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1996, p. 23). A convivência com os estudantes e todas as suas vivências e saberes contribuíram e muito para meu crescimento profissional. Também compreendi neste tempo que “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (*ibidem*, p. 29). Ou seja, o ato de ensinar é uma constante trajetória de estudos e aprendizados. E diante deste contexto, eu estava seguindo o caminho correto e feliz por não ter desistido.

Outra compreensão que obtive durante a experiência como professora da Educação Básica (Figura 3) foi que o curso na universidade não havia me preparado para lidar com as situações do dia a dia da escola. As demandas eram muitas e eu não sabia como lidar com elas. Buscava ajuda de colegas e pessoas que se disponibilizaram ao longo do caminho. A aproximação entre Teoria/Prática já abordada é uma questão que merece atenção urgente.

As coisas estavam acontecendo e fluindo, mesmo com muitas dificuldades, consegui uma mudança de função no trabalho. De auxiliar de classe para auxiliar de crianças com deficiências e com a EJA. Essa nova função foi desenvolvida em outra unidade escolar no turno vespertino e a noite, trabalhava na EJA.

Figura 4: Vivências na Educação Básica



Fonte: Arquivo Pessoal

Diante das narrativas apresentadas até aqui, reafirmo que meu trabalho na Educação Básica contribuiu significativamente para minha formação como professora ao me proporcionar experiências e práticas que foram significativas para a coexistência da teoria, adquirida na formação acadêmica, com a prática da sala de aula.

Primeiramente, a interação direta com os estudantes permitiu desenvolver habilidades de comunicação, empatia e adaptação às diferentes necessidades e estilos de aprendizagem. Além disso, o ambiente escolar é um espaço onde pude testar e aprimorar métodos de ensino, identificando quais estratégias seriam mais eficazes para cada grupo ou contexto. Essa prática também facilita uma compreensão mais profunda do processo de aprendizagem e dos desafios enfrentados por professores e estudantes, além de promover o desenvolvimento de competências de planejamento, organização e gestão de sala de aula.

Outro ponto importante é que o trabalho na Educação Básica me permitiu entender melhor as demandas e expectativas da comunidade escolar e da sociedade em relação à formação dos estudantes. Assim, pude compreender que é preciso alinhar minha prática de ensino às necessidades reais dos estudantes, para tornar o ensino mais relevante e significativo.

Por fim, a vivência cotidiana na escola contribuiu para a construção de uma identidade profissional mais segura e consciente do meu papel como educadora e dos impactos e adversidades da educação na vida dos estudantes. Também para lidar com os conflitos

escolares como problemas que surgem dentro do ambiente escolar e na própria sociedade na maioria das vezes vindo do contexto família, que passa a refletir dentro da escola.

Essas e outras vivências me permitiram melhor preparação para enfrentar os desafios da prática docente. Por isso, hoje, me sinto mais confiante para desenvolver as funções docentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade foi para mim um marco que representou um período de transformação e aprendizado que vai além do acadêmico. Foi onde, não só se aprofundaram conhecimentos teóricos e práticos na área escolhida, mas também, onde se aprende a pensar de forma crítica, a conviver com diferentes perspectivas e a se adaptar a novos desafios.

A experiência universitária me ajudou a formar minha identidade profissional e pessoal, ampliando a minha visão e criando laços importantes com colegas e professores, uma fase de descoberta de mim mesma, de desenvolvimento de habilidades de autonomia, e também um ponto de partida para a minha vida profissional. Em resumo, a universidade foi para mim, mais do que um simples local de estudo – foi um espaço de crescimento, conexão e mudança. Ao longo dessa trajetória pude perceber que o aprendizado é algo constante, porém percebo a importância de sempre ir à busca de aperfeiçoamento para atender as necessidades e demandas em sala de aula.

Como professora, sinto que minha preparação vem de uma combinação de minha formação acadêmica, das experiências práticas em sala de aula e do desejo contínuo de aprender. Acredito que estou preparada para ensinar, mas também reconheço que a educação é dinâmica, viva e desafiadora a cada momento. Mas a confiança me faz acreditar que consigo vencer os desafios do ensino, da escola e da vida, afinal, minha vida tem sido prova real de que os desafios podem ser superados, quando dedicamos tempo na busca de soluções. A educação é assim: uma batalha vencida hoje, outras muitas para o dia de amanhã.

6. REFERÊNCIAS

ELIAS, Claudia de Souza Rodrigues; SILVA, Leandro Andrade; MARTINS, Mirian Teresa de Sá Leitão; RAMOS, Neide Ana Pereira; SOUZA, Maria das Graças Gazel de; HIPÓLITO, Rodrigo Leite. Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. *SMAD, Revista Electrónica em Salud Mental, Alcohol y Drogas*, v.8, n.1, p. 48-53, 2012. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Jf8mI>. Acesso em: Set de 2024.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoetnografia: Uma Visão Geral. *Forum Qualitative Sozial forschung*, v. 12 (1), 2010. DOI: <https://doi.org/10.17169/fqs-12.1.1589>

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes e práticas educativas*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2004

_____. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MELLO, Guiomar Namó de. Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical. *São Paulo em Perspectiva*, v. 14, n. 1, p. 98–110, 1 mar. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000100012>

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MONTERO-SIEBURTH, Martha. La Auto etnografía como una estrategia para La Transformación de La Homogeneidad a favor de La Diversidad Individual em La Escuela. Disponível em: <https://encurtador.com.br/vquko>. Acesso em: Set de 2024.

NÓVOA, A. *Professores Imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.

PIMENTA, Selma G. *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo. Cortez, 1999.

SAUL, Ana Maria; SAUL, Alexandre. Contribuições de Paulo Freire para a formação de educadores: fundamentos e práticas de um paradigma contra-hegemônico. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 19-35, jul./set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.46865>

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

7. APÊNDICES

Meus registros (rascunhos) da escrita autoetnográfica

